

Vivências em Educação Física e esportes dos acadêmicos que ingressam no curso de Educação Física: uma perspectiva de gênero

Physical Education and sports experiences in academic coming into the course of Physical Education: a gender approach

PEREIRA, E F; ANDRADE, R D; TEIXEIRA, C S; DARONCO, L S E; PAIM, M C C. Vivências em Educação Física e esportes dos acadêmicos que ingressam no curso de Educação Física: uma perspectiva de gênero. **R. bras. Ci. e Mov** 2015;23(1):126-135.

RESUMO: O objetivo deste estudo foi discutir as vivências motoras em educação física e esportes de acadêmicos que ingressam no curso de educação física. A amostra foi formada por 35 acadêmicos ingressantes no curso de educação física. Foi aplicado um questionário para avaliação de vivências em esportes coletivos e individuais e a contribuição da educação física para a formação geral. Os resultados apontam vivências motoras diferenciadas nas aulas de educação física de acordo com o gênero. Grande parte dos acadêmicos não teve vivências em diversas modalidades esportivas, especialmente individuais, bem como de conhecimentos em fisiologia; 50% das mulheres não praticaram futebol de campo e mais de 70% dos acadêmicos não vivenciaram danças, lutas e algumas modalidades de atletismo na educação física escolar. Apesar das poucas vivências em algumas modalidades esportivas, os acadêmicos afirmaram que os conteúdos trabalhados na educação física contribuíram para sua formação geral.

Palavras-chave: Formação de Recursos Humanos; Educação Superior; Educação em Saúde; Educação Física.

ABSTRACT: The objective this study was to discuss the motor experiences in physical education and sports in academics coming into the course of physical education. We administered a questionnaire to evaluate the experiences in individual and collective sports and the contribution of physical education for general training. The sample was formed by 35 scholars' freshmen in the course of physical education. The results indicate differentiated motor experiences in physical education classes according to gender. Most scholars had no experiences in various sports, especially individual, as well as expertise in physiology, 50% of women did not display the football field and more than 70% of academics not experienced dancing, struggle and some modalities for athletic in physical education at the school. Despite the few experiences in some sports, the academics said that the contents learned in physical education contributed to their general education.

Key Words: Staff Development; Education, Higher; Health Education.

Érico Felden Pereira¹
Rubian Diego Andrade¹
Clarissa Stefani Teixeira²
Luciane Sanchotene Etchepare
Daronco⁴
Maria Cristina Chimelo Paim³

¹Universidade do Estado de Santa Catarina

²Universidade Federal de Santa Catarina

³Universidade Luterana do Brasil - ULBRA/Santa Maria

⁴Universidade Federal de Santa Maria

Recebido: 01/12/2014
Aceito: 23/03/2015

Introdução

Universalmente a história das mulheres é uma história recente, porque, o seu lugar na história dependeu das representações dos homens, que foram, por muito tempo, os únicos historiadores. De acordo com Colling¹, estes escreveram a história dos homens, apresentada como universal, e a história das mulheres desenvolveu-se à sua margem. Assim ao descreverem as mulheres, os historiadores ocultaram-nas como sujeitos, tornaram-nas invisíveis, sendo que os dois sexos assumiram valores diferentes; o masculino aparecendo sempre como superior ao feminino.

Assim, com o passar dos tempos foram criando-se diferenciações entre os sexos. Essas diferenças, culturalmente construídas, e por vezes cristalizadas, se somam às diferenças biológicas entre homens e mulheres e influenciam no estabelecimento de papéis, condutas e oportunidades. A educação de meninos e meninas é construída moldando figuras do masculino e do feminino que se aproximam mais do padrão sexual dominante. No contexto do esporte, e também na educação física escolar, as diferenças entre gêneros aparecem com intensidade. Estabeleceu-se culturalmente que determinadas atividades físicas seriam mais condizentes com os padrões masculinos e femininos. Conforme discutem Zara-Papp² e Knijnik e Vasconcellos³ as mulheres chegaram a ser impedidas de participar de atividades esportivas devido a uma fragilidade corporal quando comparada aos homens, além de maior afetividade e docilidade, características negadas aos homens.

De acordo com Etchepare e Pereira⁴ a escola é o local onde a maioria das crianças tem as primeiras noções de mundo e sociedade fora da família e cabe a ela a função de proporcionar aos alunos oportunidades de adquirir novos conhecimentos e de obter diferentes tipos de vivências. À educação física, especificamente, cabe a tarefa de oportunizar a prática do movimento, proporcionando aos alunos, independente de sua condição física, raça ou gênero, um melhor conhecimento corporal, aprendizado de diferentes habilidades motoras, bem como conhecimento das reações corporais a determinados estímulos.

A separação por sexo, conforme discute Louro⁵, ainda existente em muitas realidades a qual teve origem na vinculação da educação física escolar a objetivos puramente higienistas, fato que favorece a muitos professores atuarem com expectativas de interesses e desempenhos diferenciados. Consideram as meninas fisicamente mais frágeis levando assim a cristalização de práticas diferenciadas para homens e mulheres e, desta forma, diferentes vivências motoras. Além disso, conforme analisam Paim e Strey⁶ diferentes práticas motoras de acordo com o sexo se perpetuam mesmo fora da educação física escolar.

Muitas foram às transformações ocorridas nas últimas décadas, com relação à prática de atividades física e esportivas, mas é assumido, historicamente, ainda como sendo um domínio masculino. No contexto da educação física, ainda são poucos os estudos que privilegiam as relações de gênero nas práticas físicas e esportivas. No presente estudo assumimos gênero como uma construção social e, portanto histórica. O gênero é o conjunto de características e comportamentos que cada sociedade atribuiu a cada um dos sexos. Sua influência ou seu papel se estende ao largo de nossas vidas, sendo influenciado pelas ideias políticas, religiosas, científicas, etc. De acordo com Louro⁷, gênero é uma construção social e histórica, onde está inserido o conceito de pluralidade, pois nas diversas sociedades, encontramos diferentes concepções de homem e mulher, sendo essas concepções também diversificadas, conforme a religião, classe, raça, idade, etc. Em nossa sociedade se reconhece os sexos biológicos: macho e fêmea, e os gêneros sociais: feminino e masculino.

Hoje apesar de todas as conquistas da humanidade, muitas desigualdades persistem, não só entre homens e mulheres, mas também entre classes sociais, raças e, até mesmo, entre gerações. Vive-se ainda numa sociedade desigual quanto ao gênero, sendo o homem o possuidor do papel de dominador. Esta constatação, aliada às reflexões de movimentos em prol a igualdades de direitos e deveres dos seres humanos independente do seu sexo, leva-nos a refletir sobre a impossibilidade de se analisar

criticamente a categoria “educação física e esporte” sem um recorte de gênero, pois seria também ocultador do real entender que as relações entre acadêmicos de educação física não são atravessadas por relações de gênero⁸.

Transferindo essas considerações para a população específica de acadêmicos de educação física acredita-se que os profissionais do movimento, pelo menos em tese, devem possuir conhecimento razoável das modalidades esportivas e atividades físicas que formam parte importante do rol de conteúdos que irão trabalhar na educação física escolar. Considerando que um curso de graduação não apresenta condições temporais de aprofundar a infinidade de modalidades esportivas existentes, as vivências motoras dos acadêmicos, anteriores ao ingresso no ensino superior, podem influenciar em suas opções profissionais bem como no processo educativo de formação profissional. Neste contexto, este estudo teve por objetivo principal discutir as vivências esportivas de acadêmicos que ingressam no curso de educação física, sob a perspectiva de gênero, bem como as contribuições dessa disciplina para o conhecimento do ser humano e a formação geral desses sujeitos.

Materiais e Métodos

Participaram deste estudo 35 acadêmicos do primeiro semestre do curso de Educação Física – Licenciatura Plena de uma universidade federal do sul do Brasil, sendo 15 homens e 20 mulheres da primeira turma de ingresso no curso. O projeto de origem deste artigo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria sob nº 003.0.243.000-0 e os sujeitos que participaram do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os acadêmicos foram convidados a responder ao questionário de Etchepare e Pereira⁴ que é formado por 29 questões de múltipla escolha divididas em três grupos para avaliação de vivências em educação física.

O primeiro grupo foi formado por questões que buscavam investigar as vivências dos acadêmicos em esportes coletivos, assim como segue o exemplo a seguir:

Você já praticou basquetebol?

- a) Sim, nas aulas de Educação Física na escola.
- b) Sim, em equipes da escola.
- c) Sim, em equipes fora da escola.
- d) Sim, em escolinhas.
- e) Sim, pratiquei em outro local. Onde?
- f) Não pratiquei este esporte.

Os acadêmicos, nesse grupo de questões, puderam marcar mais de uma alternativa em cada pergunta.

O segundo grupo relaciona-se a conhecimentos fisiológicos, cinesiológicos e nutricionais que poderiam ser abordados nas aulas de educação física, a exemplo do grupo anterior de perguntas os acadêmicos também puderam marcar mais de uma alternativa em cada questão. Este grupo apresentou questões conforme o exemplo:

Você teve noções sobre as funções de ossos e músculos durante seus movimentos?

- a) Sim, nas aulas de Educação Física na escola.
- b) Sim, em outras disciplinas.
- c) Sim, por meio de outras fontes. Qual(ais)?
- d) Não tive noções sobre o assunto.

O terceiro grupo foi formado por questões que buscavam identificar as contribuições da educação física para a formação geral, humana e social dos acadêmicos. Neste grupo os acadêmicos foram instruídos a marcar apenas uma alternativa por questão. A seguir apresenta-se um exemplo de questão deste grupo:

As aulas de Educação Física contribuíram para você respeitar as diferenças físicas das outras pessoas?

- a) Sim, contribuíram muito para isso.
- b) Sim, contribuíram.
- c) Sim, contribuíram um pouco para isso.
- d) Não contribuíram para isso.

Os acadêmicos responderam as questões de forma individual. A aplicação foi realizada na segunda semana de aula do semestre, sendo solicitado aos acadêmicos que

responderem as questões considerando suas vivências em educação física e esportes até o ingresso no curso superior de educação física.

Foram realizadas análises da frequência e percentual das respostas de acordo como o gênero.

Resultados

Os resultados foram apresentados em percentuais de acordo com as respostas para cada pergunta do questionário. Nas Tabelas 1 e 2 foram apresentadas as respostas das vivências em esportes coletivos. Os maiores percentuais de vivências, nestas modalidades, foram no ambiente escolar para ambos os gêneros, embora os

homens em maior percentual tenham vivenciado essas habilidades em todos os contextos investigados. O maior percentual na alternativa “não pratiquei este esporte” foi no basquetebol para os homens e no futebol de campo para as mulheres. Alguns acadêmicos revelaram não terem vivenciado determinadas modalidades de esportes coletivos durante suas vivências motoras anteriores. Os esportes coletivos vivenciados por mais acadêmicos foram o voleibol e o basquetebol para homens e mulheres, respectivamente. O futebol de campo foi vivenciado nas aulas de educação física pela maioria dos homens, mas, no entanto, por apenas 50% das mulheres.

Tabela 1. Percentual de acadêmicos do gênero masculino que vivenciaram as modalidades esportivas coletivas

Modalidades Coletivas	Valores (%)					
	a	b	c	d	e	f
Basquetebol	60,00	6,67	6,67	0,00	6,67	33,33
Futebol de campo	73,33	26,27	53,33	20,00	6,67	0,00
Futebol de salão	73,33	53,33	40,00	26,27	6,67	0,00
Handebol	66,67	40,00	0,00	0,00	0,00	26,27
Voleibol	80,00	60,00	6,67	13,33	6,67	6,67
Outras	0,00	0,00	0,00	0,00	13,33	86,87

Outras modalidades citadas: tênis e padle

Tabela 2. Percentual de acadêmicos do gênero feminino que vivenciaram as modalidades esportivas coletivas

Modalidades Coletivas	Valores (%)					
	a	b	c	d	e	f
Basquetebol	75,00	10,00	0,00	0,00	0,00	20,00
Futebol de campo	50,00	10,00	20,00	5,00	5,00	30,00
Futebol de salão	60,00	15,00	20,00	5,00	0,00	25,00
Handebol	60,00	45,00	5,00	0,00	0,00	5,00
Voleibol	70,00	45,00	15,00	0,00	0,00	0,00
Outras	0,00	0,00	0,00	0,00	5,00	95,00

Outra modalidade citada: tênis

Nas Tabelas 3 e 4 foram apresentadas as respostas para as questões relacionadas aos esportes individuais. Em relação a algumas modalidades como danças e lançamentos identificou-se um grande percentual de acadêmicos do gênero masculino sem vivências, especialmente da educação física escolar. De forma geral, as modalidades do atletismo foram pouco oferecidas aos acadêmicos durante suas vivências motoras. Nenhuma acadêmica teve vivências de lutas na educação física escolar e, mais de 90% dos homens não tiveram vivências de danças na escola.

Nas Tabelas 5 e 6 foram apresentados os resultados sobre o contato com alguns conteúdos da educação física. Aproximadamente 50% dos homens e 65% das mulheres não tiveram acesso a esses conhecimentos na educação física escolar. Noções sobre nutrição foram abordadas em maiores percentuais em outras disciplinas. Muitos acadêmicos, principalmente do gênero masculino, não tiveram noções sobre aquecimento para o início das atividades esportivas na escola.

Nas Tabelas 7 e 8 foram apresentados os resultados das questões sobre a contribuição da educação física para a formação geral dos acadêmicos. Percebe-se

que tanto para homens quanto para as mulheres a educação física na escola contribuiu de alguma forma com sua formação. As dimensões apontadas que tiveram menor contribuição para ambos os gêneros foi relacionada

aos hábitos alimentares. Para o gênero masculino a questão relacionada à violência na prática esportiva foi uma das alternativas com maior percentual de rejeição.

Tabela 3. Percentual de acadêmicos do gênero masculino que vivenciaram as modalidades esportivas individuais

Modalidades Coletivas	Valores (%)					
	a	b	c	d	e	f
Corridas de velocidade	53,33	46,67	0,00	0,00	0,00	26,27
Corridas de média e longa distância	33,33	33,33	6,67	6,67	6,67	46,67
Corridas sobre barreiras	20,00	0,00	0,00	0,00	0,00	80,00
Lançamento de disco	6,67	6,67	0,00	0,00	0,00	80,00
Lançamento de dardo	13,33	6,67	0,00	0,00	0,00	80,00
Arremesso de peso	13,33	13,33	6,67	0,00	0,00	73,33
Saltos em distância	46,67	26,27	0,00	0,00	0,00	40,00
Saltos em altura	20,00	13,33	0,00	0,00	0,00	73,33
Danças	6,67	0,00	6,67	0,00	0,00	80,00
Lutas	20,00	0,00	6,67	6,67	6,67	53,33
Ginástica artística	20,00	0,00	0,00	0,00	0,00	80,00
Ginástica aeróbica ou localizada	6,67	0,00	0,00	0,00	6,67	86,67
Outras modalidades	0,00	0,00	0,00	0,00	26,27	73,33

Outras modalidades citadas: musculação e natação

Tabela 4. Percentual de acadêmicos do gênero feminino que vivenciaram as modalidades esportivas individuais

Modalidades Coletivas	Valores (%)					
	a	b	c	d	e	f
Corridas de velocidade	50,00	25,00	5,00	0,00	0,00	30,00
Corridas de média e longa distância	50,00	5,00	5,00	0,00	0,00	40,00
Corridas sobre barreiras	10,00	5,00	0,00	0,00	0,00	85,00
Lançamento de disco	10,00	0,00	0,00	0,00	0,00	85,00
Lançamento de dardo	10,00	0,00	0,00	0,00	0,00	90,00
Arremesso de peso	15,00	5,00	0,00	0,00	5,00	75,00
Saltos em distância	35,00	20,00	0,00	0,00	0,00	45,00
Saltos em altura	25,00	15,00	0,00	0,00	0,00	60,00
Danças	25,00	5,00	30,00	10,00	45,00	15,00
Lutas	0,00	0,00	10,00	5,00	0,00	85,00
Ginástica artística	40,00	5,00	15,00	0,00	0,00	45,00
Ginástica aeróbica ou localizada	30,00	5,00	20,00	25,00	30,00	5,00
Outras modalidades	0,00	0,00	0,00	0,00	15,00	85,00

Outras modalidades citadas: natação, musculação e patinação

Tabela 5. Percentual de acadêmicos do gênero masculino que tiveram contato com os conhecimentos fisiológicos, anatômicos e nutricionais

Conhecimentos	Valores (%)			
	a	b	c	d
Noções sobre aquecimentos	66,67	20,00	13,33	0,00
Noções sobre as funções de ossos e músculos durante seus movimentos	53,33	26,27	6,67	26,27
Noções sobre as funções dos alimentos para sua saúde	26,27	53,33	13,33	40,00

Tabela 6. Percentual de acadêmicos do gênero feminino que tiveram contato com os conhecimentos fisiológicos, anatômicos e nutricionais

Conhecimentos	Valores (%)			
	a	b	c	d
Noções sobre aquecimentos	80,00	0,00	10,00	5,00
Noções sobre as funções de ossos e músculos durante seus movimentos	35,00	15,00	15,00	45,00
Noções sobre as funções dos alimentos para sua saúde	10,00	55,00	40,00	0,00

Tabela 7. Contribuições da educação física para a formação geral e enquanto cidadão para os acadêmicos do gênero masculino

Conhecimentos	Valores (%)			
	a	b	c	d
Contribuíram para você aprender a repudiar qualquer espécie de violência, durante sua prática esportiva	26,27	33,33	20,00	20,00
Contribuíram para você conhecer melhor o seu próprio desempenho físico	40,00	20,00	33,33	6,67
Contribuíram para você respeitar as diferenças físicas das outras pessoas	33,33	60,00	0,00	6,67
Contribuíram para você adquirir hábitos saudáveis de higiene	40,00	46,67	6,67	6,67
Contribuíram para você adquirir hábitos saudáveis de alimentação	33,33	33,33	13,33	20,00
Contribuíram para você se relacionar melhor com as pessoas	40,00	46,67	13,33	0,00
Contribuíram para você reconhecer as atividades de lazer como uma necessidade do ser humano	33,33	60,00	6,67	0,00

Tabela 8. Contribuições da educação física para a formação geral e enquanto cidadão para os acadêmicos do gênero feminino

Conhecimentos	Valores (%)			
	a	b	c	d
Contribuíram para você aprender a repudiar qualquer espécie de violência, durante sua prática esportiva	20,00	50,00	25,00	5,00
Contribuíram para você conhecer melhor o seu próprio desempenho físico	30,00	55,00	5,00	10,00
Contribuíram para você respeitar as diferenças físicas das outras pessoas	25,00	65,00	5,00	5,00
Contribuíram para você adquirir hábitos saudáveis de higiene	30,00	35,00	25,00	10,00
Contribuíram para você adquirir hábitos saudáveis de alimentação	20,00	35,00	20,00	25,00
Contribuíram para você se relacionar melhor com as pessoas	30,00	55,00	5,00	10,00
Contribuíram para você reconhecer as atividades de lazer como uma necessidade do ser humano	65,00	25,00	0,00	10,00

Discussão

Este artigo buscou investigar as vivências motoras de acadêmicos que ingressam no curso superior de educação física de acordo com o gênero. Destaca-se que, conforme aborda Kruppa⁹, o ser humano, diferentemente de outros animais, não nasce com suas capacidades desenvolvidas, sendo a educação parte do processo de socialização que o humaniza propiciando o desenvolvimento de suas capacidades. Contudo, a educação, embora ocorra em todas as sociedades, não se apresenta nelas de forma única. O que há, de fato, são educações, porque as experiências de vida dos homens e

mulheres, suas necessidades e condições de trabalho, são diferentes.

Para Molina Neto *et al.*¹⁰ o processo de formação do profissional de educação física tem sido frequentemente analisado e debatido com enfoque na legislação que direciona a elaboração curricular, análises de propostas curriculares que são implementadas e nos estágios e práticas de ensino. Pouco, entretanto, tem sido feito para compreender o que leva as pessoas a buscarem os cursos superiores de educação física e que trajetórias percorrem para chegar à profissão, como no caso dos acadêmicos aqui avaliados, somando o fato de que homens e mulheres, principalmente por razões culturais,

possuem contatos diferenciados nas aulas de educação física.

Além disso, as questões de regulamentação da educação física enquanto profissão e áreas, ora da saúde ora da educação, vêm gerando algumas discussões. Atualmente, a atividade física vem sendo paulatinamente valorizada junto à sociedade, como fator de saúde e bem-estar, por meio da prática de esportes, dança, ginástica, recreação e também de atividades com enfoque mais brando como as práticas corporais alternativas. Fato que amplia o leque de atuação profissional, não restrito apenas a escolas de ensino fundamental e médio, criando assim, uma nova dinâmica no mercado de trabalho¹¹. As atividades tradicionais da educação física, também podem ser citadas como práticas regulares de exercitação, tanto para crianças, adultos quanto idosos. Com a ampliação da atuação do profissional da educação física, as necessidades de formação tornam-se cada vez maiores e mais abrangentes.

De forma geral, os dados revelaram duas importantes situações. Homens e mulheres tiveram diferentes vivências motoras, e, portanto, conteúdos também diferenciados na educação física escolar. A vivência de muitas modalidades esportivas, principalmente individuais, foi negligenciada durante o período escolar e não foram supridas nas vivências de esportes fora da escola. Um fator que pode ter influenciado nesses resultados é a substituição da educação física escolar por clubes de modalidades específicas, nos quais os alunos praticam apenas uma habilidade motora e não vivenciam outras possibilidades de movimento. Outra questão a ser destacada é a falta de currículos com conteúdos específicos para a educação física na escola, bem como, as lacunas na formação profissional dos professores em muitas modalidades.

Os resultados identificados nos acadêmicos de educação física estão de acordo com o estudo de Del Duca *et al.*¹² que analisou as práticas esportivas de lazer de trabalhadores e verificaram diferenças importantes nas práticas de atividades físicas de lazer entre homens e mulheres. Verificou-se, por exemplo, um domínio masculino nas práticas corporais de lazer e uma maior

inserção dos homens em esportes coletivos e de caráter competitivo, ao contrário das mulheres que se engajaram mais em atividades individuais e que requerem menor força física seguindo convenções sociais determinadas.

Os esportes coletivos vivenciados por um número maior de acadêmicos foi o voleibol e o basquetebol para homens e mulheres, respectivamente (Tabelas 1 e 2). O futebol de campo foi vivenciado nas aulas de educação física praticado pela maioria dos homens, mas, no entanto, por apenas 50% das mulheres o que está de acordo com os estudos de Paim¹³.

Historicamente no Brasil os homens são motivados a jogar futebol, basquetebol e judô, esportes que exigiam maior esforço, confronto corporal e movimentos violentos; às mulheres é mais adequado a ginástica rítmica e o voleibol, que lhes garantia a suavidade de movimentos, e a privação de contato com outros corpos. O homem que pratica esses esportes corre o risco de ser visto pela sociedade como afeminado¹⁴.

Segundo Giovani¹⁵ desportos com predomínio de características instrumentais (força, agressividade, violência etc.), quando praticados por mulheres e desportos com predomínio de características expressivas (leveza, suavidade, delicadeza etc.), quando praticados por homens, desencadeiam a aplicação de estereótipos sexuais. Isto porque as características do desporto versus gênero do praticante contrariam a desejabilidade social que se coaduna com as construções sociais de masculinidade e feminilidade.

Esses estereótipos parecem influenciar fortemente na decisão do que se trabalhar na educação física escolar, sendo que a falta de currículos definidos e conteúdos claros, colaboram para que muitas habilidades deixem de ser trabalhadas e que meninos e meninas tenham oportunidades diferenciadas de prática¹⁶.

Uma dificuldade de inserção dos meninos em atividades de dança (quando essa é oferecida, já que muitas escolas não abordam esse conteúdo na educação física) foi abordada também por Strazzacappa¹⁷ que comenta que em alguns casos é necessário mudar o nome do conteúdo para expressão corporal para que os meninos se insiram com mais facilidade nas atividades, bem como

sejam oferecidas danças de rua que são “mais masculinas”. Apesar disso, é necessário que os educadores envolvidos nesse processo não cristalizem na escola alguns valores discriminatórios comuns na sociedade no geral.

Mesmo que um tratamento diferenciado para meninos e meninas na educação física escolar esteja disseminado e possa ser importante em alguns casos, os dados apresentados por Verbena e Romero¹⁸ mostram que os alunos de educação básica anseiam por um esporte na escola que seja permeado por valores cooperativos, participativos, menos competitivista e não sexista, já que a priori é atribuído um valor diferenciado ao indivíduo por ele ser homem ou mulher. Neste mesmo contexto Celante¹⁹ afirma serem raras as oportunidades em que as aulas do ensino médio não estão ligadas ao aperfeiçoamento técnico de habilidades esportivas aprendidas (em tese) durante o ensino fundamental ou à prática formal de modalidades.

Altmann²⁰ discute que a educação física, em consonância com os Parâmetros Curriculares Nacionais, é um espaço privilegiado para se trabalhar a sexualidade e as questões de gênero e que, segundo esses Parâmetros, deve-se oferecer a oportunidade de meninas desenvolverem competências tradicionalmente tidas como masculinas e aos meninos, competências tidas como femininas, principalmente nos primeiros ciclos. Apesar disso, Altmann²⁰ acrescenta que o tema também precisa ser problematizado propiciando mudanças de comportamento não mediadas por proibições e punições e sim pelo conhecimento.

A educação física no ensino médio deve segundo Betti e Zuliani²¹ atender às necessidades dos alunos, e não aprofundar ou apenas reproduzir os conteúdos trabalhados durante o ensino fundamental. Pereira e Moreira²² avaliando 446 alunos do ensino médio encontraram que 50% dos alunos fazem a aula porque gostam e têm seus interesses atingidos, ao passo que, 21% dos alunos participam da aula por serem obrigados, e não têm seus interesses atingidos. Diante disso, percebe-se uma grande relação entre a participação dos alunos nas aulas e o atendimento, ou não, de seus interesses. Estas indicações

devem ser observadas pelos professores que trabalham com as turmas, para que além dos conteúdos fundamentais que a educação física proporcione, seja possível o atendimento dos objetivos e que esta seja atrativa para a continuidade durante a vida adulta.

Esta análise é fundamental, visto que a maioria dos alunos ingressantes no curso de educação física afirma que o peso da escolha da carreira deve-se não apenas por terem características que os predispõem à profissão, mas sim por conta das experiências passadas relacionadas ao esporte e à educação física em geral¹⁰. Estas opiniões inferem a necessidade de um bom trabalho realizado dentro da escola principalmente no que tange as explicações e vivências nas diversificadas atividades motoras.

Acrescenta-se a essas considerações os resultados da avaliação realizada nos acadêmicos de educação física relacionados principalmente aos últimos blocos de questões mostram que os valores trabalhados na educação física contribuíram significativamente para a formação geral dos sujeitos investigados o que remete a importância de um trabalho coerente dos professores na escola. Destaca-se ainda que durante o ensino médio a educação física não deve voltar os conhecimentos apenas para a prática, mas utilizar-se de conhecimentos teóricos sobre o movimento humano e o esporte ou de problemas de ordem social, política, emocional, psíquica e física, criando situações-problema que o próprio aluno deverá resolver^{19,22}. Além disso, Silva e Carneiro²³ sugerem a necessidade de um maior número de iniciativas que orientem alunos no ensino médio para uma escolha mais esclarecida da carreira profissional no curso de nível superior.

Conclusão

A educação física escolar propõe diferentes saberes e práticas motoras para homens e mulheres, além de não oferecer a prática de diversas modalidades bem como de conhecimentos fisiológicos que possam contribuir para uma continuidade de práticas motoras após os períodos escolares. Apesar disso, os valores

perpassados na disciplina contribuíram para a formação geral dos acadêmicos.

As poucas vivências motoras em algumas modalidades pelos acadêmicos que ingressam no curso de educação podem repercutir em sua formação profissional e os cursos de educação física deverão atentar a essas lacunas, já que estarão formando profissionais para

atuação na educação física escolar. Um melhor planejamento curricular na educação básica, bem como uma formação de educadores de melhor qualidade são caminhos possíveis para que todos, independente do gênero, tenham as mesmas oportunidades de vivências na educação física escolar.

Referências

1. Colling A. **A construção histórica do feminino e do masculino**. In: Strey MN, Cabeda S, Prehn D. *Gênero e Cultura: questões contemporâneas*. Porto Alegre (RS): EDIPUCRS; 2004. p. 13-38.
2. Zara-Papp Z. Women and Sport: Interdisciplinary Perspectives. **Sport in History**. 2011;31(4):520-3.
3. Knijnik JD, Vasconcellos EG. **Mulheres na área no país do futebol perigo de gol**. In: Simões AC. *Mulher & Esporte: mitos e verdades*. São Paulo: Manole; 2003. p. 165-175.
4. Etchepare LS, Pereira EF. Proposta e validação de um instrumento para avaliação de vivências em educação física. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires. 2004; 10(77): 1-7.
5. Louro GL. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes; 2003.
6. Paim MCC, Strey MN. O que as mulheres e homens fazem em suas horas de lazer. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires. 2006; 10(92).
7. Louro GL. **Nas redes do conceito de gênero**. In: Lopes JML, Meyer DE, Waldow VR. *Gênero e Saúde*. Porto Alegre (RS): Artes Médicas; 1996. p. 7-18.
8. Lavinas L. Identidades de gênero: uma categoria da prática. Rio de Janeiro (RJ): **Papeis avulsos CIEC/ECO/UFRJ**; 1992.
9. Kruppa SMP. **Sociologia da educação**. São Paulo: Cortez; 1993.
10. Molina Neto V, Frizzo GFE, Silva LOE. O trabalho pedagógico do professor como eixo articulador da formação, da pesquisa e do ensino do professorado de educação física. **Cadernos de Educação**. 2014; (46): 100-18.
11. Coldebella AOC, Lorenzetto LA, Coldebella A. Práticas corporais alternativas: formação em Educação Física. **Motriz**, Rio Claro. 2004; 10(2): 111-122.
12. Del Duca GF, Oliveira ESAD, Sousa TFD, Silva KSD, Nahas MV. Inatividade física no lazer em trabalhadores da indústria do Rio Grande do Sul, Brasil. **Motriz**. 2011; 17(1): 180-8.
13. Paim MCC. Visões estereotipadas sobre a mulher no esporte. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires. 2008; 10(75).
14. Sousa ES, Altmann H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos CEDES**. 1999; 19(48): 52-68.
15. Giovani A. Estereótipos sexuais aplicados às nadadoras. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. 2002; 10(2): 27-32.
16. Pereira EF, Etchepare LS, Zinn JL. Educação Física nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental da Cidade de Santa Maria - RS. **Kínesis**. 2003; 28(2): 38-52.
17. Strazzacapa M. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Cadernos CEDES**. 2001; 21(53): 69-83.
18. Verbena ECG, Romero E. As relações de gênero no esporte por discentes da rede pública municipal de Juiz de Fora. **Movimento**. 2003; 9(2): 113-25.
19. Celante AR. Educação física no ensino médio: por uma pedagogia transformadora. **Corpo consciência**. 2001; 7: 41-60.
20. Altmann H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Estudos Feministas**. 2000; 9(2): 575-585.
21. Betti M, Zuliani LR. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. 2002; 1(1): 73-82.
22. Pereira RS, Moreira EC. A participação dos alunos do ensino médio em aulas de educação física: algumas considerações. **Revista da Educação Física/UEM**. 2005; 16(2): 121-7.
23. Silva SAPS, Carneiro AB. Perfil de ingressantes e razões de escolha pelo curso superior de educação física. **Motriz**, Rio Claro. 2006; 12(1): 9-21.